MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar
2001 nº 215



MULHERES DE GUARATINGUETÁ NOS SÉCULOS XVIII E XIX

Em seu livro "Evolução da Estrutura Social de Guaratinguetá num período de trezentos anos", a socióloga Lucila Hermann registrou na população local "uma estrutura demográfica completamente diferente da de outras regiões, caracterizada pela alta frequência de população jovem e pelo excesso de mulheres em relação ao número de homens, nos séculos passados". Entre essas mulheres que aqui viveram, em meio a uma sociedade patriarcal, muitas se destacariam além das lidas domésticas, das quitandas, das costuras, dos trabalhos no campo e do jugo de pais, maridos e irmãos.

ISABEL LEITE DE BARROS

Foi batizada em 1717, na Capela de Nossa Senhora do Rosário do Rio Abaixo em Pindamonhangaba, onde se casou com Antônio Galvão de França, futuro Capitão-mor de Guaratinguetá. Isabel era filha do Capitão Gaspar Corrêa Leite e de Maria Leite Pedroso, descendentes de povoadores quinhentistas da terra paulista. Recebeu educação para o lar e para a maternidade. Isabel notabilizou-se pela bondade, religiosidade e caridade cristãs. Faleceu aos 38 anos de problemas decorrentes de um parto, tendo doado aos pobres, ainda em vida, todos seus vestidos e bens pessoais.

A formação cristã que deu aos filhos rendeu ao país o primeiro santo brasileiro, o **Beato Frei Antônio de Sant'Ana Galvão**, seu quarto filho. Os outros, filhas e filhos formaram famílias exemplares, troncos de inúmeras outras famílias que hoje povoam Guaratinguetá e muitas outras cidades paulistas.

INÊS TEODORA DA SILVA

Guaratinguetaense. Construtora da igreja de Santa Rita, em torno da qual cresceu o bairro do mesmo nome. Nasceu em 1773, filha do Alferes Antônio José da Silva, português e de Marcolina Freire de Jesus. Mulher empreendedora, virtuosa, carismática, Inês Teodora foi uma das mais dinâmicas mulheres de Guaratinguetá em sua época. Casou-se aos 15 anos com um jovem negociante do Rio de Janeiro, filho de pais portugueses: Vitoriano José da Costa. Mãe de 10 filhos. A filha mais velha - Antônia Francisca das Chagas - viria a se tornar a primeira guaratinguetaense a exercer o magistério. Viúva aos 38 anos, dedicou-se a atividades comerciais e assistenciais. Com a colaboração dos filhos exerceu um verdadeiro monopólio de lojas comerciais na vila de Guaratinguetá. Transformou o sobrado da chácara em que morava no Bairro de São Gonçalo em um Pensionato para Meninas Enjeitadas, filhas de mães solteiras,

dando-lhes educação completa para os padrões da época. Superando dificuldades financeiras, construiu a Igreja de Santa Rita, inaugurada em 22/5/1846, hoje patrimônio histórico estadual. Faleceu dois anos depois, sendo seu corpo depositado na parede lateral, à direita da nave central da igreja que construíra. O enterro foi realizado à noite, à luz de velas, com o cântico dos 7 mementos, com muita solenidade e presença de pessoas ilustres da cidade. Contam os moradores do bairro que Inês Teodora, em certas noites, ainda hoje volta à igreja por ela construída, deixando pelas ruas do bairro, o som das rodas de sua carruagem...

ANA JOAQUINA DO AMOR DIVINO

Conhecida entre os familiares como Madrinh'Ana, foi uma das matriarcas de sua época. Destacou-se como uma das mais destemidas mulheres na defesa da união conjugal. Nascida em São Francisco do Sul, Santa Catarina, em 1781, filha do Capitão José de Oliveira Borges (sobrenome que viria a ser adotado por seus filhos) e de Francisca Clara de São Bernardo, mineira de São João Del Rei, Ana Joaquina casou-se com Inácio Joaquim Monteiro, artista plástico. Aproximadamente em 1801 o casal fixou residência na Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá onde Inácio Joaquim Monteiro fora contratado para pintar e dourar o interior da Igreja Matriz. Tempos depois, tendo que trabalhar na Matriz de Sorocaba, Inácio Joaquim Monteiro permaneceu nessa Vila meses e meses sem dar notícia à família. Estranhando a demora, Ana Joaquina, a cavalo e acompanhada de um escravo, partiu para Sorocaba onde encontrou o marido arranchado e de família nova. Arrebatou Inácio Joaquim, dissolveu o idílio que resultaria no nascimento de uma filha natural, Joaquina, e voltou para Guaratinguetá, refazendo sua vida conjugal. Faleceu em 1855, um ano após um de seus ilustres filhos, Francisco de Assis, futuro Visconde, ter recebido o honroso título de Barão de Guaratinguetá.

INÊS DE CASTRO E SILVA

Nascida na então Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá em 1787, foi uma mulher que se distinguiu pela rebeldia aos preceitos morais da época. Foram seus pais Ana Rosa da Silva Ramos e o Licenciado Dr. Manoel Gonçalves Franco, compositor sacro e professor. Inês era a filha caçula do casal. Um jovem seminarista e sacristão da Igreja Matriz, Lourenço da Costa Moreira, filho do Vigário da Matriz de Santo Antônio e aluno do pai de Inês, com subterfúgios durante as aulas, procurava a jovem no interior da casa. Desse relacionamento secreto, nasceu no ano de 1815, uma menina que Inês, no maior sigilo, durante a noite, mandou levar por uma escrava para a casa de dona Marcelina Freire de Jesus, sua prima, e que foi batizada com o nome de Delminda.

Inês ignorou essa filha durante toda sua vida, mesmo quando, após a morte do pai, ao dar aulas para meninas na vila e tendo entre elas Delminda, jamais confessou sua condição de mãe à filha enjeitada.Inês teria mais dois filhos antes de seu casamento com um dos mais prósperos cafeicultores da vila: Joaquim Bueno Garcia Leme (Cadete Bueno), pai das crianças. Faleceu idosa, com mais de 80 anos e em seu testamento beneficiou somente os dois filhos de seu casamento, nada deixando para a filha enjeitada, Delminda.

ANTÔNIA FRANCISCA DAS CHAGAS

Conhecida por ter sido a primeira mulher na Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá a exercer o ofício de professora pública, cargo local inexistente até sua designação pela

Câmara Municipal. Era a filha mais velha de dona Inês Teodora da Silva, construtora da igreja de Santa Rita, e de Vitoriano José da Costa. Foi batizada no ano de 1790, na Igreja Matriz de Santo Antônio. Fez seus estudos no pensionato fundado por sua mãe para a educação de crianças enjeitadas, tendo sido a mestra de seus nove irmãos, na primeira década do século XIX. Até então as mulheres eram, em sua maioria analfabetas e o pouco ensino existente era particular. Naquela época os pais não queriam que as filhas soubessem ler e escrever. Esta mentalidade perdurou até meados do século XX, na área rural. O motivo era evitar que as filhas escrevessem bilhetes marcando encontro com namorados...

ROSA MARIA DO CARMO DE OLIVEIRA

Foi a segunda mulher a exercer o cargo de professora, em Guaratinguetá, nomeada pela Câmara da Vila com a idade de 14 anos. Rosa Maria do Carmo era filha do Alferes Inácio Joaquim Monteiro e de Ana Joaquina do Amor Divino, de ascendência catarinense. Era a única filha do casal, única irmã do futuro Visconde de Guaratinguetá, do Vigário Martiniano de Oliveira e do Cônego Anselmo de Oliveira, religiosos guaratinguetaenses. Foi batizada na Igreja Matriz de Santo Antônio em 1814, casando-se em 1839 com o Capitão Manoel Galvão de França Rangel, sobrinho do primeiro Beato brasileiro Frei Antônio de Sant'Ana Galvão. Rosa Maria do Carmo foi mãe de 11 filhos. Faleceu em 1884 deixando grande descendência e a glória de ter sido a segunda educadora nomeada na Vila.

DELMINDA MOREIRA DA COSTA

Foi a filha exposta de Inês de Castro e Silva e do Padre Lourenço da Costa Moreira. Nasceu em Guaratinguetá em 1815. Foi a primeira mestra de Silveiras, ensinando a ler e escrever a seus 11 filhos, cunhados menores e crianças da vila. Ainda criança, foi internada no Pensionato para Meninas Enjeitadas de Da. Inês Teodora, onde iniciou seus estudos. Quando Padre Lourenço foi nomeado Vigário de Itajubá Velho, onde viria a se tornar personagem histórico da região, levou a filha consigo, dando-lhe educação esmerada para a época. Aos 22 anos Delminda casa-se em Itajubá com Juvencio Alves de Senne e após alguns anos parte com a família para o bairro do Sapé, em Silveiras, no Vale do Paraíba, ao pé da Serra da Bocaina. Nessa região pobre, Delminda funda a primeira escola do bairro, improvisando cartilhas e cadernos. Faleceu em 1869, sem nunca ter recebido da mãe o reconhecimento de filha, deixando entre sua vasta descendência o notável historiador e genealogista paulista Dr. Carlos da Silveira.

MARIA DAS DORES CRISTINA DOS SANTOS

Nascida em 1826, pela sua extraordinária beleza viria a ser apelidada de "o sol de Guaratinguetá". Era filha do Capitão Francisco da Silva Barros e de Anacleta Policena dos Santos. Casou-se em Aparecida com Delfino Serafim dos Anjos Triunfo e desse casamento nasceram dois filhos. Adoecendo o marido e entrando em dificuldades financeiras, Maria das Dores emprega-se como costureira em uma das fazendas do Visconde de Guaratinguetá, a fazenda do Carmo, no atual município de Lorena. O titular, já viúvo da primeira esposa, deslumbrado pela beleza da jovem, vem a se tornar pai de 3 filhas suas: Anacleta Cristina, Maria Francisca de Assis e Maria da Glória, que faleceria aos 2 anos de idade. Viúva de Delfino, e esperando casar-se com o Visconde de Guaratinguetá, Maria das Dores Cristina é surpreendida com o noivado e casamento do Visconde com a bela Amélia Augusta Cazal. Desesperada, foge para a chácara

materna. Saudosa das filhas, tenta raptá-las mas só consegue ficar com Anacleta. Em 1870, casa-se com Domiciano José da Silva Borges, fazendeiro em Lorena e passa a viver nesta cidade, onde viria a ser mãe de mais duas meninas.

Quando o Visconde faleceu, após reconhecer as filhas, dotou em seu testamento a Maria Francisca, parte da terça e para Maria das Dores Cristina, um conto de réis, quantia ínfima para a mulher que iluminou como "sol" a fase mais romântica de sua vida...

MARIA THEREZA DE MEIRELLES

Notabilizou-se por ter aberto o primeiro colégio particular de educação integral para meninas em Guaratinguetá, associada à grande educadora norte-americana, Madame Masson. Maria Thereza era filha do primeiro guaratinguetaense a se formar em Direito, Dr. Manoel de Meirelles Freire e de dona Thereza Marcondes de Moura de Meirelles. Batizada na Matriz de Santo Antônio no ano de 1838, Maria Thereza dedicou sua vida à educação. Quando Madame Masson partiu para São José do Barreiro para abrir mais um colégio nessa região, a grande educadora guaratinguetaense inaugurou sua segunda casa de ensino, o Colégio Santa Teresa, na atual rua Dr. Moraes Filho, onde as jovens da sociedade recebiam uma educação completa para a época, nas décadas de 1860, 1870, 1880... Transferiu-se mais tarde para Lorena onde, até seu falecimento, não deixou de exercer atividades sociais e pedagógicas.

PORCIA CLEMENTINA DE CASTRO SANTOS

Foi a inesquecível "Dona Porcinha", educadora das jovens da sociedade guaratinguetaense das primeiras décadas do século XX e que ali recebiam ensinamentos imprescindíveis para um bom desempenho na vida social. Nasceu em Guaratinguetá em 1856 e era filha do Dr. Manoel de Castro Santos, um dos primeiros médicos guaratinguetaenses e de Dona Pórcia Francisca dos Santos. Casou-se em 1874 com José Joaquim da Motta Braga. Organizou e dirigiu até seu falecimento em 1938 a célebre "Escola de Dona Porcinha" em sua chácara na rua Dr. Castro Santos, onde as jovens recebiam, além dos conhecimentos gerais, aulas de francês, piano, dança... Ainda menina, em 1868, aos 12 anos, surpreendeu a Princesa Isabel, em sua estada em Guaratinguetá, com um recital de piano no solar do Visconde de Guaratinguetá, dela recebendo elogios por seus dons musicais e fazendo com que a Princesa levasse para a corte, uma ótima impressão da cultura local.

A escola de Dona Porcinha foi ainda tema de uma interessante monografia de nº 69 do Museu Frei Galvão, de autoria do Dr. Lycurgo de Castro Santos, historiador e presidente, por vários anos, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

MARIA AUGUSTA DE OLIVEIRA

Foi uma das mais bonitas filhas do Visconde de Guaratinguetá, de seu casamento com Amélia Augusta Cazal. Por imposição paterna casa-se aos 14 anos com o Conselheiro do Império Antônio Dutra Rodrigues, 20 anos mais velho que ela. Inconformada com a situação, a jovem esposa foge de casa e, com a rejeição da Viscondessa por sua atitude precipitada, embarca para Paris, levando suas jóias. Ali, após uma vida faustosa e tumultuada, vem a falecer aos 26 anos de idade, em 1891. Seu corpo embalsamado e recoberto de jóias é embarcado para Guaratinguetá. Permanece insepulto por algum tempo, no solar do Visconde, no local onde hoje se ergue a Escola Conselheiro Rodrigues Alves. Sepultada no Cemitério dos Passos, ainda hoje Maria Augusta permanece pelos corredores da escola, envolta em seu perfume francês...

Maria Isbella Maia Fabiano